

Vitrine da Cidade? Os bairros centrais no Brasil e na França¹

Alzilene Ferreira da Silva²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil

Université François Rabelais – França

Palavras-chave: Cidade, Bairros_Centrais, Moradores

1. Introdução

A proposta primordial desse trabalho é apresentar uma parte da pesquisa comparada realizada nos Centros Históricos (CHs) das cidades de João Pessoa (Brasil) e Tours (França), sobre o papel que os bairros desempenham nas referidas cidades. Para tanto abarcou-se, nas duas cidades da pesquisa, os perímetros protegidos, que compreendem também o que comumente se chama de Centro da Cidade. Nesse trabalho, destaca-se, sobretudo, o Bairro do Varadouro, em João Pessoa e o Bairro do *Vieux Tours*, na França – ambos passaram por processos de intervenção urbana. Para melhor apresentá-lo, o artigo foi dividido em tópicos: nos primeiros expõem-se sobre o Centro Histórico (CH) de João Pessoa, em seguida a experiência em Tours.

Embora apresentem características bastante distintas a etnografia realizada revela que as cidades seguem a tendência contemporâneas em que o patrimônio e a cultura passam a compor as estratégias de promoção das cidades. Nesse horizonte áreas das cidades que outrora foram abandonadas, como os bairros antigos, são introduzidas em um contexto novo de reaquisição do valor simbólico. Nesse contexto, os espaços são recriados com o fito de promover uma imagem capaz de atrair, seja na cena local, nacionais ou internacional, turistas e investimentos.

2. O Centro Histórico de João Pessoa

Capital do Estado da Paraíba, João Pessoa, foi a terceira cidade fundada no Brasil. Sua estrutura original manteve-se praticamente imutável por mais de três séculos, sendo o centro da vida social, concentrando as funções residencial, comercial, religiosa, administrativa... Quadro reverso passa a ser delineado com a expansão urbana e saída paulatina da elite e comércios para novos bairros erigidos próximos as praias. Nos anos

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² Agência Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

de 1980 a decadência e abandono do bairro antigo e do Centro da Cidade atingiram sua pujança.

No dilúculo da década de 1980, marca o nascedouro do processo de reabilitação do CH da cidade através do Convênio de Cooperação entre o Brasil e a Espanha. Em uma segunda fase, no entardecer da década de 1990, o processo efetiva-se de uma outra maneira, com a mudança profunda de usos voltados para as esferas média e alta da cidade. Desse modo, os novos usos se configuram com as instalações de bares, boates, loja... Uma intensa programação cultural é mantida como *shows*, exposições de arte... Festas como o Carnaval e o São João regressam ao Varadouro. Tornando-se ponto de encontro da elite local e opções para turistas. E, ao mesmo tempo, esmeram-se em engendrar uma nova imagem, um processo de “recriação” do bairro histórico.

2.1. Memórias do bairro antigo em João Pessoa

Nascida no interior do Estado da Paraíba, Clara³, sempre quis conhecer e morar na capital do Estado, a cidade de João Pessoa. Em sua trajetória de vida, sempre se dedicou as atividades de auxílio às crianças e aos idosos, pessoas que habitam em comunidades carentes, em situação de risco social. Como têm habilidades manuais sabe moldar vestidos, blusas, calças... A arte de produzir metamorfoses inopinadas ao tecido é também sua profissão e meio de obter algum recurso para sustentar a vida. Na cozinha também aprendeu os segredos... Atualmente tem um pequeno comércio onde vende caldos, coxinhas, empadão e outras delícias. Esteve pela primeira vez, em João Pessoa, no apagar das luzes da década de 1980, para participar de uma reunião. Então, nessa ocasião recebeu um convite para ficar na cidade e fazer parte da equipe de trabalho assistencial junto às pessoas que viviam da coleta do lixo, situado próximo ao Centro Histórico da Cidade. Com o ano de dificuldades com a seca, seu esposo aceitou um convite para trabalhar em João Pessoa e toda família mudou-se para a cidade. Foi, assim, que Clara teve seu sonho realizado... Quando chegou com a família em João Pessoa foi morar no Centro Histórico. Quando chegaram não tinha quase vizinhos todas as casas estavam em condições de abandono e deterioradas, algumas quase em ruínas. O imóvel que estava em melhor estado de conservação foi a casa que a família de Clara foi morar. Nas casas vizinhas a vegetação tomava conta. A casa ao lado tinha somente as paredes e muito mato e ratos.

³ Nome fictício, História desenvolvida a partir da entrevista realizada com a moradora do Centro Histórico de João Pessoa-PB. Entrevista com M.F., concedida à autora em João Pessoa, Brasil.

Com o tempo, após quatro anos pagando aluguel, a família comprou a casa que vivem até hoje. Os outros imóveis tinham preços menores, mas Clara conta que não era possível morar porque estavam muito abandonadas, somente as paredes estavam de pé e nem mesmo energia elétrica tinha mais. Em frente a sua casa havia somente uma oficina mecânica... Ela mesma pode contar como era o local quando chegou:

M.F – antigamente, quando eu cheguei aqui estava na primeira reforma, do Hotel Globo, já teve já duas reformas depois dessa, essa casa aqui que hoje pertence a [...] era só, era mato, só tinha mato, só tinha as paredes, e matos, era só mato, mato tinha rato, tudo. [...] A minha [casa] eu terminei comprando, porque a minha era a melhor que tinha, essas outras tinham um preço menor, mas como não dava pra eu morar, porque já estavam abandonadas, e não tinha mais energia, só tinha as paredes, não tinha mais nada [...] Aconteceu a reforma da Igreja, que o teto, não tinha quase o teto, era uma dificuldade para o padre celebrar missa para os fiéis. (M.F.: Moradora do Centro Histórico. Entrevista concedida a autora em João Pessoa/Brasil).

A antiga moradora, Clara, narra como era o local no período das ações de requalificação urbana, que ocorreram na Praça Antenor Navarro e do Largo de São Frei Pedro Gonçalves, Bairro do Varadouro, na segunda metade da década de 1990. Quando a moradora chegou ao Bairro o quadro era desolador, ela narra que naquela ocasião não havia a quantidade de entidades de assistência ao menor como existe hoje. As casas abandonadas e o Largo serviam de “abrigo” para mais de 20 crianças em situação de risco social. Aos poucos ela assistiu as transformações ganharem forma de festas. Os prédios abandonados passaram a ser endereço de antiquário, loja de artesanato, bares, boates... Para ela a revitalização foi algo muito bom para o Varadouro, porque alguns prédios foram reformados e assim impedidos de desmoronar. No entanto ela chama a atenção para o fato de que o trabalho maior ainda deve ser feito. Pois boa parte, dos imóveis do bairro, encontra-se em estado precário de conservação.

M.F.: (...) a gente sonha, se acontece isso é a coisa mais linda, é a coisa melhor que João Pessoa pode receber, é a restauração de todos esses prédios, porque é um trabalho muito grande, é muitos prédios, **aqui foi poucos prédios que foram restaurados, e falta muitos, não foi um terço, um terço não foi, e parou, está parado no tempo, e agente espera quando vai ser isso, a restauração do centro histórico, que é a historia de João Pessoa, foi onde João Pessoa começou a cidade baixa que se chama, a cidade baixa, então todo mundo foi subindo para lá, para a praia, e aqui foi desativado, se caso João Pessoa ganha essa restauração desses prédios que não são poucos, seria a**

riqueza maior que João Pessoa pode ganhar, porque o centro histórico está todo no chão, a mercê dos bandidos, das drogas (...), os artistas que podiam morar aqui, pessoas de bem, e hoje está assim...

Para a moradora a revitalização é importante não somente porque o Varadouro é o local de origem da cidade, mas também por causa do turismo. Em sua fala evidencia elaborações que corroboram com o discurso oficial de associar Centro Histórico às atividades de consumo cultural, turístico e de lazer. Outro aspecto que desliza nesse mesmo eixo de compreensão – do discurso oficial – refere-se a restauração das casas, que no seu modo de ver poderiam ser ocupadas por artistas

2.2. Centro Histórico: animações e os conflitos de usos

O dia começa com os raios de sol já com intensidade a brilhar sobre o Rio Sinhaúá. Nas primeiras horas da manhã o silêncio é por vezes rompido pelo galhar dos pássaros. Pelas ruas do Varadouro poucos ouvidos para escutar... Aos poucos os sons ligados à luz do dia fazem o silêncio se despedir... Os ruídos dos ônibus, as buzinas dos carros... Abrem-se as lojas... O vai e vem dos transeuntes... Caminhando pelas calçadas de algumas ruas escuta-se o barulho das máquinas das gráficas, os roncões dos motores dos carros sendo consertados nas oficinas... Outros estabelecimentos são mais silenciosos como as lojas de peças para carros, ferragens, tintas... Se de um lado existem ruas cujos comércios imprimem o dinamismo, outras, no entanto, é somente solidão. A deterioração dos prédios é fator que impacta o olhar.

Já nos locais revitalizados, o Largo São Frei Pedro Gonçalves e a Praça Anthenor Navarro, tece-se uma diferente dinâmica. No Largo, a chegada dos ônibus de turismo é o momento que escuta-se um pouco um bulício. A visita ao antigo Hotel Globo tornou-se um imperativo... Os turistas entram, conhecem o interior, o terraço do prédio... Da colina avista-se o Rio Sanhaúá... Tiram fotos da paisagem... Nos passeios feitos através de agências de viagens, o guia geralmente encerra a visita com uma pequena caminhada no logradouro situado ao lado, a Praça Anthenor Navarro. Assim, os turistas podem admirar os prédios localizados no entorno e tirar fotos. Diminutas são as residências dessa área do Centro Histórico.

Já ao entardecer na Praça Anthenor Navarro observa-se uma mudança de ares. O silêncio que imperou durante o dia ‘dá passagem’ ao barulho dos bares, das pessoas que se agrupam e conversam na Praça. Logo que o sol começa a dar os primeiros sinais de partida, mesas e cadeiras começam a serem espalhadas ao longo da Praça.

Mas, com o processo de esmaecimento dos investimentos públicos e com custos altos para manter a estrutura de animação, os bares, *boates*... Despediram-se da área revitalizada. Então, quem hoje são os animadores do local? Nesse período aparece em cena um novo comércio, que funciona como restaurante, bar na parte da tarde e da noite, casa de *show*, exposição de arte, oficinas, além de uma série de atividades que têm atraído muitos frequentadores para a casa e a Praça. Uma pergunta então ressalta, mas por que escolher o CH? Especialmente no momento de esmaecimento das atrações. “Luís”⁴ explica como surgiu.

A.S. – É, na verdade, **o Centro Histórico, ele já tem historicamente uma certa vocação pra tá tendo iniciativas culturais**, sim. [...] quando a gente chegou aqui, e abriu o nosso centro cultural, normalmente não tinha nenhuma casa, estava meio frio, só que antes disso, há anos atrás já existiram outras movimentações desse tipo, tinha o Galpão 14, tinha acabado de fechar quando a gente abriu, era a última casa que ainda estava dando abertura, pelo menos naquela época. [...] Então o Centro Histórico meio que já tem um, já tem historicamente uma vocação pra esse tipo de iniciativa, e pra nós foi, assim, tiro certo... **Assim, o público daqui que a gente, na verdade, o público que a gente conseguiu trazer pra cá, que hoje frequenta muito o Centro Histórico, tem tudo a ver com... O ambiente em que a gente tá agora.** Desde que a gente abriu a casa, a gente abriu primeiro como centro cultural e, como nosso coletivo foi formado mais por músicos, a gente tem como, mais forte a linguagem da música, então a gente tem muitos shows aqui, a gente utiliza o nosso mezanino pra tá fazendo, **realizando shows, já passaram por aqui algumas centenas de bandas, a gente consegue ter um volume legal de shows**, principalmente de artistas locais que tão produzindo alguma coisa e também de artistas de circulação.

A instalação da casa possivelmente surgiu como combustível que impulsionou a instalação de outros comércios do gênero. Segundo o proprietário, antes existia somente o Centro Cultural, e em 2011 já eram cinco novos comércios noturnos que promovem *shows* e realizações culturais. Com uma agenda considerável de *shows*, local onde já passou dezenas de bandas. Uma pergunta vem à tona, como seria a relação com os órgãos responsável pela proteção do patrimônio? Desliza no mesmo sentido a reflexão: quais seriam as desvantagens de instalar um comércio no CH. Com esse painel grande de

⁴ Nome fictício, comerciante e produtor cultural no Varadouro, entrevista com A.S., concedida à autora em João Pessoa/Brasil.

eventos, rutila ainda o questionamento se o volume do som e as muitas festas promovidas, que conseqüentemente atrai uma multidão, não geram conflitos com moradores? Acerca dessas indagações o entrevistado explica,

A.S. – [...] Realmente isso é um problema. João Pessoa não tem o Plano Diretor da cidade não tem um zoneamento que favorece iniciativas culturais, certo? Essa zona aqui, se a gente for lá na Secretaria de Planejamento [...], a gente vai ver que aqui é zona comercial, certo? E isso se faz necessário, o poder público tem que conseguir visualizar que **o Centro Histórico tem essa vocação**, certo? Hoje em dia é nítido isso, muito forte... E fazer o zoneamento direcionado pra esse tipo de iniciativa... Apesar de quando a gente, por exemplo aqui nessa casa, ela já tinha sido um bar antes, entendeu, a estrutura já estava bem encaminhada pra isso, mas ainda assim isso é um problema, porque o poder público não vê ainda esse tipo de iniciativa. Em João Pessoa não existe um espaço próprio, pelo menos planejado próprio pra isso, certo? Então é como se entendesse que não vai existir iniciativas culturais como essas que a gente tem visto no Varadouro, então isso realmente é um problema. A gente tem envolvimento nesse debate aqui, já tivemos contato com a (...), que é a Secretaria de Meio Ambiente, já tivemos até um embate forte com eles via Internet uma vez. Eles pararam dois shows numa semana só. A gente fez uma campanha no *Twitter*, deu até uma mídia boa.

E: – Eles fecharam alguns *shows*?

A.S. – Foi. Pararam o *show* duas vezes, assim, num período curto de tempo, aí a gente foi pra cima, mídia veio aí [...] Vieram, dialogaram, foi até um diálogo bacana, conseguimos fazer alguns acordos, meio que não tão formalizados de que... Não saiu ainda a questão do zoneamento, este tipo de coisa, a gente tá batalhando por isso, mas conseguimos fazer um acordo da questão de horários, este tipo de coisa, só que isso realmente é um problema pra gente... **a gente tanto população quanto os agentes culturais, quanto o poder público tem que entender que a cidade precisa de um espaço próprio pra estar realizando esse tipo de iniciativa, e o Centro Histórico tem que ser esse local, porque tem uma vocação própria** e em si já tá acontecendo, certo? Então é muito pertinente estar olhando pra isso na hora de... Por exemplo, a gente tem aquele PAC das cidades históricas, agora, que tem todo **aquele projeto de revitalização do Centro Histórico**, e isso de certa forma não tá sendo tão... **a vocação**... o que tá acontecendo nesse momento não tá sendo muito levado em consideração nessa hora, certo?

Não somente com os órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio que os conflitos vêm ocorrendo, moradores igualmente encontram-se incomodados com a realização das

apresentações musicais e pela concentração de casas de *shows* que promovem eventos, sobretudo, entre as quintas-feiras e domingos. O barulho é apontado pelos moradores como algo que incomoda, pois se sentem invadidos em seu direito de descanso a noite.

A.S. – [...] pelo menos no entorno da nossa Praça, onde se concentra as atividades não tem muitas moradias no redor, e as que têm, a grande maioria são de pessoas que tem interesse nisso, por exemplo, dona M, ali, que é uma das mais antigas moradoras daqui do lado, ela vende lanche na noite, certo, então pra ela é interessante. Então, é a **vocação** do local, e tá sendo bem aceito. Tem alguma pessoa ou outra, um morador ou outro que, de repente vai "embaçar", mas eu acho que é entender que isso já vem acontecendo espontaneamente, e poxa, vamos contemplar, né, esse tipo de iniciativa, o que faz um bem danado, que traz vida ao Centro Histórico.

A ‘vocação’ que é chamada para justificar as atividades culturais, no Centro Histórico, pode ser vista como uma invocação baseada na “difusão do espírito de lugar.” (Peixoto, 2006).

Nesse rol de transformações desenhadas desde o entardecer da década de 1990, cumpre, no entanto, pensar o papel das políticas de revitalização urbana, como formadoras do que seria um Centro Histórico, bem como, sua força de atuação na tessitura do que se compreende e a representação... A imagem que foi formada pela população sobre essa parte antiga da cidade. Ora, foi justamente a partir da revitalização, seguindo modelos engendrados em outros países e Estados brasileiros, de apelo à cultura, como ingrediente propulsor do turismo e da transformação urbana, que se desenhou a compreensão do Centro Histórico como lugar de eventos culturais.

3. A “Descoberta” do Centro Histórico

Os período Pós-Guerra apresentam-se como período importante para a compreensão do que chama-se atualmente de Centros Históricos. Na França os passos eram dados no sentido de priorizar as novas construções que pudessem suprir as necessidades advindas com o aumento da população urbana. Entre os anos de 1954 e 1962 o censo demográfico revela um acréscimo de 23% da população. O número de habitantes passa de 25,5 milhões para 31,3 milhões, em oito anos. O relevante movimento de migração da população do campo para as cidades, bem como de estrangeiros que chegam buscando trabalho (ou para ajudar na reconstrução do país), contribuíram sobremaneira para o patamar populacional atingido. Assomados aos imóveis destruídos com a Guerra e ainda a insalubridade dos bairros antigos, são elementos que agravaram uma crise gigantesca de imóveis. Por essa

razão, os números das construções montam consideravelmente, em 1953, foram 115 000, já em 1953, o número passa para 278 000, atingindo ainda 422 000 no ano de 1967.⁵

À luz da sincronia entre construções e demolições, os estudos sobre as condições de vida e de moradia pululam em diversas cidades francesas. Nesse compasso investigações e delimitações de áreas para intervenções são efetivadas... Moradores são remanejados... Alcoolismo e delinquência juvenil, falta de higiene e de moralidade são apontados como consequências do tipo de habitação. “A la date du 1^{er} décembre 1957, 355 projets de rénovation d'îlots étaient à l'étude. 27 opérations étaient approuvées dont 24 bénéficié d'une subvention du Ministère de la Reconstruction et du Logement.” (Grifos conforme original). O conjunto desses 27 projetos financiados interessa a demolição de 5.734 imóveis insalubres destinados a serem substituídos por 8.784 habitações modernas, dotadas de equipamentos individuais e coletivos, inclusive espaços verdes.⁶ Nessa perspectiva é empreendida “La lutte contre le taudis” que consiste na “reconquête du centre de nos villes, souci majeur de nos édiles et de nos urbanistes, évitera l'extension excessive et onéreuse des constructions périphériques.”⁷ Novos prédios são erigidos para abrigar a população, novos bairros são gerados.

Na cidade de Tours, centro da França, o relatório elaborado pelo “Comité Interprofessionnel du Logement de Tours et Environs – C. I. L.”, apresenta a situação grave que se encontrava uma pluralidade de habitações da cidade, sobretudo com a aproximação do inverno.

A onda de construção faz alargar os limites da cidade para além dos núcleos originais. Novos bairros próximos ao Centro da cidade como o “Sanitas”, “Ronde” e bairros mais distantes são formados. Os bairros antigos sofriam intervenções. Nesse contexto, convém destacar a relevância da Lei André Malreaux, de 1962, para a salvaguarda dos bairros antigos. A partir da Lei de 1962 os bairros antigos receberam legislação específica.

3.1. A cena em Tours: o bairro antigo antes das operações de reabilitação urbana

Em uma encosta com terra fértil para cultura e pastagens, localiza-se a pequena Baraçal, uma simpática aldeia de Portugal. Ano de 1965, lá vivia uma família de quatro pessoas:

⁵ ALLETRU, Nelly. **La sauvegarde du Vieux Tours sans Secteur sauvegardé: création et mise en oeuvre d'un Périmètre de restauration immobilière de 1961 à 1973**. Tours/ France: Université François Rabelais [Master 2 d'Histoire des Arts], 2007, p. 28-29. Fonte: Bibliothèque Société Archéologique de Touraine. Cód.: MM 62 1-2.

⁶ LA LUTTE contre le taudis et la rénovation de l'habitat défectueux. s.l. Ministère de la Reconstruction et du Logement/ Imprimerie Nationale, s.d., p. 29. (Grifos conforme original). Fonte: Archives Municipales de Tours. Código: 168W1 – T50 – Curetage.

⁷ Ibid., s.d. p. 41.

o pai e a mãe, com seus dois filhos: uma menina com 6 anos e um caçula com 4 anos. O pai exercia a função de serralheiro, mas só trabalhava quando o patrão o chamava, pois nem sempre tinha serviço. Quando não estava na oficina, dedicava-se o cultivo no campo. A situação não era nada fácil, porque o que colhia na lavoura não dava para comercializar, somente para suprir as necessidades da família. Todas essas incertezas exponham-os a situações preocupantes. Não é difícil imaginar as incalculáveis dificuldades que podiam passar. A aldeia não ofertava melhores perspectivas. Por isso, João⁸ precisava encontrar trabalho em outro lugar que o ajudasse a oferecer melhores condições de vida aos filhos. Assim, a falta de um emprego instável e a necessidade de promover o sustento da família impulsionou-o a lançar-se em uma longa viagem junto com um familiar e outros companheiros. Uma viagem que o marcou por toda a vida: a viagem de oito dias.

Essa situação não era exclusiva da família de João. Na época, era comum, a partida, sobretudo, dos pais de família, para procurar trabalho e melhores condições de vida em terras distantes. Oito dias de viagem a pé, caminhando por montanhas, fora das cidades por lugares onde não havia a possibilidade de serem vistos por outras pessoas. Depois de percorridos os quilômetros, abraçam a vitória e o alívio de chegarem sem serem descobertos. Agora o desafio era encontrar um emprego e local para ficar... Normalmente era fácil, pois tinha muito trabalho disponível.

João nem precisou lançar-se na busca de uma ocupação, pois foi a irmã da sua esposa que o convidou. Ela já morava na cidade e ciente da situação do cunhado o aconselhou: “aqui tem muito trabalho, se precisas trabalhar, então venhas que eu já encontrei para você”. A cidade estava estrelada de construção, carente de mão-de-obra, sobretudo porque era um tipo de ofício realizado não pelos filhos da cidade e sim por pessoas que vinham de outras regiões. Igualmente não preocuparam-se com moradia, ficaram na casa da cunhada de João, que morava em um bairro muito antigo e muito pobre da cidade. Aliás, esse era o endereço da maior parte da leva de pessoas que chegava à cidade procurando emprego. Chegavam muitas pessoas a “ville”, e a maioria nessa condição, vinham a pé, se escondendo durante o trajeto. A oferta de emprego era grande, na agricultura e especialmente na construção civil.

O que indubitavelmente ajudava e muito, era o fato de todos agruparem-se no mesmo bairro. Assim ficava mais fácil receber ajuda dos que já estava mais tempo e possuíam

⁸ João, nome fictício. História desenvolvida a partir das entrevistas realizadas com a filha, antiga moradora do Vieux Tours. Entrevista com A.M, concedida à autora na cidade de La Riche, França.

experiência. Com o passar do tempo aprendiam um pouco mais da língua no trabalho, em contato com os poucos nativos que trabalhavam na construção. Ou ainda com os companheiros que já sabiam falar o idioma do país.

Em 1966, após um ano fora de Portugal, João retornou para buscar a esposa e os dois filhos. Estes já não precisaram passar pelo sofrimento que sentira, pois toda família já tinha os Passaportes e as autorizações de entrada na França. A confortável chegada da família no trem, em nada se assemelhou a aventura vivida por João. Sua viagem de oito dias a pé foi uma dessas situações que ficam na memória e que marcam profundamente por toda vida.

Família toda reunida em solo francês passam a morar no mesmo bairro da cunhada de João, na “Rue Eugène Sue”, no “Vieux Tours” – lugar onde os estrangeiros comumente viviam principalmente os portugueses. Eis uma pergunta fundamental, como foi o processo de adaptação para essa família, a convivência no bairro? É a filha de João que toma a palavra para narrar um pouco sobre esses fatos, que são representativos de outras tantas histórias de vida dos moradores do “vieux quartier”.

A.M. – Era muito diferente. Mas eu me adaptei facilmente, como era. Depois eu vim no mês março e parece que só tive dois ou três dias em casa, a minha mãe me pôs logo na escola e depois logo aprendi a...

E – O francês?

A.M. – A falar francês. Passou-se bem.

E – E a sua mãe? A senhora se lembra?

A.M. – Para a minha mãe foi mais complicado porque ela não sabia falar nada

A.M. – ... Bom tinha cá a irmã dela e foi...

E – O que salvou?

A.M. – Sim, sim. E depois o meu irmão também era pequenito e depois ele ficou... Primeiro ela não queria trabalhar porque senão tinha que levar o meu irmão para creche e depois eu também não estava habituada, em Portugal só nos conhecia a nós, pois ainda era pequenino, não estava habituado assim, a ir com qualquer pessoa e ela teve até que o meu irmão tinha idade para ir, dois ou três anos quando ela começou a procurar trabalho. Pois a minha tia arranjou algumas horas para ela ir fazer limpeza em casa de pessoas que precisavam e depois também foi como eu lá, começou a aprender, mas ela já tinha uma certa idade e a minha mãe não sabia escrever. E então por causa disso era mais complicado para ela...

E – Arrumar trabalho?

A.M. – Sim, sim. Para encontrar trabalho e para aprender a falar até que ela nunca aprendeu a falar bem como uma pessoa nova. [...]

A.M. – A convivência, quer dizer, havia muito pouco, poucos franceses lá no bairro eram muitos estrangeiros lá, sobretudo muitos portugueses e havia alguns espanhóis também, mas convivia a gente com os espanhóis, a gente convivia umas com as outras não era tão complicado como agora. E eram as pessoas da mesma classe e eram as pessoas quase todas pobres, naquele tempo aquelas casas eram baratas, não tinham conforto, não tinham... Eu me lembro que sequer algumas tinham água em casa, não tinha sala de banho, tinha uma coluna.

E – E como, por exemplo, tinha muitos portugueses, como é que era o processo de integração?

A.M. – Pois, porque nas ruas daquele bairro era quase tudo português, depois as crianças brincavam na rua. A gente saía fora de casa para ir buscar água, as que não tinham água em casa se juntava uma com as outras, a noite elas punham-se na frente das portas e falava...

E – Para conversar?

A.M. – Sim, a conversar umas com as outras e conviviam. Agora isso já não existe, já não se vê.

A.M. – Pois, eu lembro quando a gente era pequena e depois a noite, depois que na gente comia, depois saímos e as pessoas adultas falavam uma com as outras, a crianças brincavam umas com as outras até que... Até que não houvesse sol e depois cada um ia para a sua casa. Mas era como se fosse, se tivéssemos em Portugal era.

E – Quando tivesse lá em seu país.

A.M. – Pois é, era. [...]

E – Então ficavam mais na rua durante o verão?

A.M. – Pois é, era mais no verão, no inverno não saíam tanto.

E – Faziam. Viam o por do sol, caía a noite já botava as cadeiras do lado de fora para contar história e...

A.M. – Eu me lembro de que às vezes passavam franceses e depois eles olhavam porque eles não estavam habituados a viver assim nos bairros e ficavam assim a olhar. Era uma maneira de ver a diferença deles. (A.M., antiga moradora do Vieux Tours. Entrevista concedida a autora, na cidade de La Riche/França).

Se de um lado a convivência considerada tranquila, lugar onde todos se conheciam e por isso era mais forte os laços de solidariedade. De outro, as condições do bairro não era

nada agradáveis do ponto de vista estrutural.

O bairro por registrar um número significativo de portugueses, promovia uma maior integração daqueles que chegavam à cidade para trabalhar e “fazerem a vida”. Sendo assim, o modo de ser peculiar do português reverberava nas ações cotidianas, como por exemplo, a prática de colocar as cadeiras para fora de casa para conversar com os vizinhos... Traços característicos que traziam do lugar de origem e os distinguiam do modo de ser local.

3.2. Vieux Tours: novos usos... Nova imagem

Tours é uma anciã cidade, cuja origem remota aos romanos, portanto, um percurso que atravessa séculos e séculos... Na aurora dos anos 1960, Tours empreende um estudo minucioso que permite a elaboração de um método de salvaguarda do bairro antigo. Uma grandiosa pesquisa foi realizada na área que corresponde hoje ao “Vieux Tours”. No documento, “Ville de Tours: restauration du quartier Nord-Ouest: étude générale de restructuration” põe a vista os resultados dos aspectos históricos, econômicos, demográficos e sociais do local. A seguir, à luz dessas exposições, destaca-se algumas dos resultados mais expressivos que permitem trazer a lume uma melhor compreensão do estado do bairro antes da operação. A zona de Restauração apresenta-se na forma de quadrilátero, sua superfície envolve cerca de 9 hectares, o que corresponde em torno de 1.500 habitações e 270 estabelecimentos. Segundo o estudo, dos 475 imóveis, 102 apresentam interesse arquitetural (Ville, 1964: 5). Dos prédios 92% não possuíam banheiros, 94% sem sala de banho, 21% sem eletricidade. Ademais, os números de moradores que se queixavam das invasões de ratos e camundongos chegavam a taxa de 27%. Soma-se ainda a inexistência de drenagem de esgoto em todo perímetro da área da restauração, tudo era lançado em caneleiras na rua (Boille, 1964: 111). Entre os 268 estabelecimentos instalados, 192 são destinados a atividades do comércio, o que corresponde 72% da totalidade. Havia ainda 7 indústrias, 56 artesões e 11 profissionais liberais. O quantitativo total de estabelecimentos garantia o salário de 913 pessoas (Ville, 1964: 7). Essas informações trazem à tona o processo de degradação, também a importância e força do comércio do Bairro, apesar do processo de decadência a função comercial permaneceu ativa, garantindo emprego e uma animação no Bairro, especialmente, por causa do mercado – Les Halles – lugar rico do ponto de vista econômico e social. No que concerne a situação demográfica 3.574 pessoas moravam na área delimitada. Cerca de 50% dessa população vivia em estado de superpovoamento, “78% des logements ne comportent qu'une ou deux pièces et 7,2% seulement ont plus de

trois pièces” (Ville, 1964: 8). As diferentes funções dos cômodos das casas são concentradas em uma só parte. Sendo assim, todas as atividades como cozinhar, dormir, higiene e todos os trabalhos domésticos eram realizados no mesmo cômodo.

O Vieux Tours nessa época era pouco frequentado pelos moradores da cidade seja por causa da situação de degradação dos imóveis, ou ainda, porque o Bairro era tido como um local não bem visto, em decorrência da prostituição e por abrigar uma população pobre, advinda também de outros países. Com as políticas de renovação e restauração dos imóveis o Vieux Tours passa a exibir uma nova paisagem bem distinta da descrita... Nesse novo horizonte pode-se perscrutar dois pontos importantes: primeiro, a substituições das antigas casas comerciais pelo comércio de luxo e especializados: cafés, bares, restaurantes. Segundo, animação do Bairro promovido pela presença estudantil.

3.3. Vieux Tours: animação noturna e vitrine turística

Ananda⁹ é professora aposentada e reside no Vieux Tours desde 1972. Tem orgulho em morar em uma casa que guarda as marcas dos tempos... Das janelas do apartamento pode-se avistar uma bela paisagem... Das ruas serpenteadas, com seus prédios antigos... Tudo que ela tem necessidade é facilmente encontrado a poucos metros da sua casa. Aliás, essa é uma das razões que a fez escolher morar no Bairro, o fato de ser um local central. Soma-se, ainda, a tranquilidade e o preço do aluguel que lhe foi convidativo. Então, morar no Vieux Tours lhe dava uma ótima condição de vida... Os comércios favoreciam a aproximação entre as pessoas. É visível seu amor pelo Bairro, e sua intensa ligação a faz se interessar muito pelos problemas do lugar. Problemas? Até aqui tudo parecia tão perfeito, o Vieux Tours era o paraíso... Bem, ela mesma pode explicar o que aconteceu, um dos problemas é que: “en 1972 il n'y avait que 33 bars aujourd'hui il y en a 158.”

M.B. – avant mille neuf cent quatre vingt six, c'était le paradis, c'était merveilleux, parce que c'était un beau quartier, très calme, avec des gens qui se connaissaient... donc on se parlait beaucoup et puis on avait pleins de petits commerces. [...] Vous voyez sur la place Plumereau, il y avait une droguerie, une pharmacie, deux magasins de vêtements, maintenant il n'y a plus que des bars et des restaurants.

Isso tem influenciado e muito a qualidade de vida... As noites sem dormir por causa do intenso barulho das pessoas nas ruas e dos bares que colocam música. Ademais, justo ao lado da sua casa tinha uma pessoa que vendia drogas toda noite. Em baixo existia outra que também comercializava drogas. Do bonito jardim, que ela pode ver da janela, alguém

⁹ Nome fictício. Entrevista com M.B., moradora do Vieux Tours, concedida a autora em Tours, França.

envolvido com a criminalidade foi ferido gravemente.

M.B. – des souvenirs horribles parce qu'on a eu beaucoup de locataires qui ont eu beaucoup de problèmes avec la police et la justice. Il y a eu à côté quelqu'un qui vendait des stupéfiants toute la nuit. En bas une autre personne... une autre année qui vendait des stupéfiants et cette année je sais pas si vous avez su mais il y a eu une reconstitution d'une affaire très grave avec un blessé grave, ça s'est passé dans le jardin, là... donc ce ne sont pas de bons souvenirs.

Ora, desde o ano de 1985 uma nova trama é urdida com a transformação das ruas em áreas privilegiadas aos pedestres e com as instalações dos bares e restaurantes. A Praça Plumereau tornou-se o local festivo... Um lugar sem dúvida paradisíaco para quem queira desfrutar da paisagem e de momentos de lazer.

M.B. – J'ai le souvenir d'un centre historique qui était plus agréable à vivre/ avant mille neuf quatre vingt six/ entre mille neuf soixante douze et mille neuf cent quatre vingt six/ c'était très calme et cependant des maisons restaurées/ mais en mille neuf cent quatre vingt six il y a eu la piétonnisation/ le quartier est devenu piétonnier/ donc les bars se sont installés et ont obtenu beaucoup de terrasses donc le jour il n'y a plus qu'une population agréable et la nuit une population difficile à concilier avec le repos.

M.B. – Alors les habitants ont vieilli/ et surtout les propriétaires ont/ soit vendu leurs appartements parce que le bruit était insupportable/ ils ont habité ailleurs/ et quand ils n'ont pas pu vendre/ ils les louent/ et ils ne peuvent plus les louer à des gens qui ont des activités normales/ donc ils louent à des étudiants en colocation/ ce qui augmente encore la fête.

É, sobretudo, nas noites de quinta-feira que os estudantes fazem a grande festa. Isso, porque, para uma boa parte dos estudantes, os pais residem em outras cidades e na sexta-feira, comumente, viajam para visitarem os familiares. Não que o Vieux Tours fique vazio... Outros usuários, visitantes desfrutam dos momentos de tempo livre nas ruas e comércios do Bairro.

E: – Comment qualifierez-vous vos conditions de vie dans le quartier?

M.B. – pas très bien/ à cause du bruit et de l'alcoolisme des visiteurs la nuit/ des gens qui ont entre seize ans et quarante ans/ ce ne sont pas que des étudiants/ c'est vraiment une population très nombreuse de Tours mais aussi des environs de Tours

[...] ce sont aussi ce qu'on appelle les jeunes actifs/ c'est-à-dire des gens qui ont entre vingt cinq et trente cinq ans et qui travaillent/ et qui viennent: le vendredi et le samedi/ les étudiants c'est le mercredi et le jeudi toute la nuit.

Os bares investem em animação interna com muita música para atrair o turista. As noites são longas para quem não consegue dormir... Curtas para quem anseia em permanecer nos bares, que por lei têm o direito de ficarem abertos até 2 horas da manhã. Mas para continuar bebendo as pessoas têm as opções das boates que fecham bem mais tarde. Com a nova regulamentação nacional autorizando as discotecas a fecharem as 7 horas da manhã “favorise le phénomène des After, la poursuite de l'alcoolisation et d'un tapage amplifié par les regroupements de fumeurs sur la voie publique” (Place, 2012: 2). O texto publicado 27 de dezembro de 2009, no “Journal Officiel instaure une heure et demie dite «blanche». Ainsi, les établissements, qui ferment à 7 heures, ne pourront pas servir d'alcool à partir de 5h 30” (Toutes, 2009: s.p). Quando não fazem a festa na rua, fazem dentro dos apartamentos. A música, a conversação em alto volume, certamente incomodam os vizinhos que não participam da reunião. As casas antigas com pisos de madeira contribuem ainda mais para amplificar o barulho, seja da música ou das pisadas das pessoas que dançam e pulam. Barulho de copos e garrafas que se partem no chão... Pessoas alcoolizadas têm dificuldades para subirem as escadas... Como são de madeira fazem ruídos ao pisarem fortemente nos degraus... Os degraus das escadas são utilizados como assento, desse modo, o consumo de bebida e a conversação forte pode se estender até mesmo na área comum do prédio. Os que participam da festa ao sair ou entrar batem o portão... Os convidados ao chegarem, de madrugada, muitas vezes já alcoolizados, tocam na campainha errada, acordando abruptamente o morador vizinho... Para outra entrevistada, professora e também aposentada, o barulho é uma das questões mais sérias do Bairro. Ela narra sobre uma vizinha que fazia festa no apartamento todos os dias:

M.F. – au dernier étage ce sont c'est la petite fille du propriétaire bah on l'entend pas beaucoup [...] et puis au-dessus de chez nous bah là en ce moment la jeune fille est bien // on en a eu quelques fois qui étaient pendant deux ans ou il y a deux ans y en avait **une qui était vraiment insupportable qui a fait la fête tous les soirs toute l'année** et la maman sa mère nous avait dit si y a un problème vous m'appelez / elle avait donné son téléphone alors je l'ai appelée une fois deux fois et puis après j'ai dit c'est pas la peine. (M.F. – Professora aposentada e moradora do Vieux Tours. Entrevista concedida a autora, em Tours/ França).

Nas ruas pessoas embriagadas cantam, falam alto, isso quando não gritam forte, dão risadas... Uma orquestra nada prazerosa se mantém ativa toda noite. A saída dos bares um momento delicado quando as pessoas alcoolizadas ao passarem pelas ruas quebram lixeiras ou as lançam no chão... Tocam as campainhas das casas, danificam carros que se

encontram estacionados... A lista pode ficar por aqui porque uma breve ideia do cenário já se fez. Mas não significa que tenha acabado... Depois a saída das boates, outra sessão de gritos, brigas e barulhos... O cenário nada agradável pintado durante a noite pode ser visto com a chegada da manhã... Ruas estreladas de lixo, lixeiras derramadas no chão, garrafas de bebidas espalhadas... Estilhaços de vidro... Vômitos e odor de urina, em algumas ruas, é o resultado da interminável noite para quem não pode dormir... Mas, quem disse que é hora de descansar... Logo bem cedo chega ao Vieux Tours os carros de limpeza pública... Então, entra em cena outra modalidade de barulho... Um eficiente serviço promove a limpeza do local.

Na opinião de Ananda existem muitas coisas para melhorar no CH: primeiro menos barulho durante a noite. Em segundo lugar, diminuir o número de bares e de restaurantes e aumentar a variedade de comércios. Mesmo com todos os problemas... Com as incontáveis noites sem dormir, Ananda pretende continuar vivendo no mesmo apartamento, embora tenha plano de mudar-se para um imóvel que tenha elevador. Enquanto isso, ela segue na luta pela promoção da qualidade de vida no Bairro.



Figura 1: Bares na Praça Anthenor Navarro – João Pessoa/Brasil. Foto: Alzilene Ferreira



Figura 2: Bares na Place Plumereau – Vieux Tours, Tours/França. Foto: Alzilene Ferreira

4. Algumas considerações:

O período do Pós-guerra recrudescer uma nova paisagem com a conversão dos bairros antigos em CHs, palco de investimentos e atribuição de valor econômico, social, político e simbólico. “Sendo uma noção relativamente recente, que só ganha sentido face à proeminência e à centralidade de novos espaços citadinos” (Peixoto, 2003: 213). No esteio desse mar de ebulições, o novo conceito de patrimônio é que promove a sustentação dessas novas propensões. Aqui, a palavra patrimônio ganha impulso e nesse horizonte inaugura-se as novas políticas de regulamentação urbana.

O alargamento da compreensão patrimonial desabrochou novas formas de vivências, como também novas dinâmicas econômicas amalgamadas ao turismo. A partir dessa nova perspectiva não é mais as populações desfavorecidas que vão permanecer no local ou que vão desfrutar dos benefícios resultantes do processo de reabilitação urbana. Aspectos fortemente marcados em Tours, com a substituição dos habitantes de baixíssima renda e do comércio (voltado para atender a nova clientela mais elitizada). Convém, no entanto, acentuar que a reabilitação realizada, sobretudo, no Vieux Tours, delineou uma nova imagem, transformando o Bairro degradado em vitrine turística da cidade. Deriva daí o processo de gentrificação. No rastro desse feixe de transformações uma outra fase, no entanto, institui-se a partir de 1985, com as transformações de ruas em passagem exclusiva para pedestres. Novas atividades econômicas e culturais foram inauguradas com a substituição dos pequenos comércios por bares, restaurantes e boates. Transformando-se no centro de lazer e de turismo.

Em João Pessoa, no entardecer da década de 1990 ocorreu a tentativa de recriar o *glamour* que vestia o Varadouro em décadas precedentes, quando o local era endereço da camada rica da cidade. O novo cenário inventado pelas políticas urbanas é algo distante do cotidiano da população do local – que vivem em situações precárias, a exemplo dos moradores da Favela Porto do Capim. O fenômeno de gentrificação revela-se pela nova dinâmica apoiada nas práticas de consumo das camadas médias, geradoras de uma imagem que destoa do cotidiano dos habitantes. Convém, ainda, sublinhar, que a gentrificação opera-se também com a tentativa de higienização e de criação de padrões de comportamentos que se adéquem aos novos desígnios pensados para um espaço de consumo visual e de atração para turistas (Leite, 2001; Scocuglia, 2003). A experiência que teve seu nascedouro em 1987 ativou o processo de apropriação do patrimônio e estimulou o apelo ao que seriam as singularidades culturais paraibanas. Vale ressaltar que esses são motores que inserem João Pessoa em certos aspectos em caminhos similares a outras cidades que passaram por processo de revitalização urbana – a eleição de símbolos que possam identificar a cidade. Fotos do CH, das praias paradisíacas e do Ponto do Seixas são facilmente encontrados nos catálogos turísticos. Por outro lado, a segunda fase do processo de revitalização do CH, realizadas a partir de 1997, vem desencadear outros usos e atores sociais que marcaram o “espetáculo” urbano. No bojo desse processo uma nova imagem do antigo bairro é engendrada como local de consumo cultural e de lazer. Fato esse que passa singularizar a tomada de consciência da existência de um CH na cidade.

A saída progressiva dos moradores, em Tours, revela a outra fase das políticas urbanas. O lazer noturno, com a forte concentração de bares, restaurantes e boates tem desencadeado conflitos de vizinhança e com os proprietários dos estabelecimentos. Situação presente nas duas realidades investigadas. Outros aspectos como a violência e consumo de drogas são apontados pelos moradores, das duas cidades, como algo a ser melhorado nos dois Centros Históricos.

A propagação da paisagem de cidade universitária faz com que habitações para estudantes se espalhem pelo CH de Tours. Essa propensão faz parte do caudal de encadeamento promovida pelas políticas urbanas. Nesse sentido ocorre uma redefinição do lugar que encontra-se cada vez mais atrelado a criação de ambiência para estudantes e formação de uma imagem de cidade voltada para o conhecimento e saber (Canclini, 2008), e dessa forma ganhar espaço no contexto de competição entre as cidades para captação de investimentos e turistas.

É interessante destacar, ainda, em João Pessoa, alguns pontos da entrevista com produtor cultural que assinala várias vezes, a “vocação” do CH para a realização de atividades de culturais. Por causa dessa “vocação” moradores e poderes responsáveis pela preservação do patrim nio arquitet nico devem comprometer-se ou aceitar a consolidação dessas iniciativas no CH de João Pessoa. Ações essas que destaca como sendo meios que viabilizar a vinda de um público, que contribui sobremaneira para a vivacidade do local. Persevera, ainda que as atividades culturais já existiram no CH, isso em um passado não distante, e essa nova etapa vem dando continuidade a esse tipo de a o. Desse modo, essas animações comumente associadas aos CHs plasmaram uma imagem, em uma rela o tão intensa, que chega a confundir-se entre si. “Contra a desvitaliza o há uma tentativa de revivifica o, em parte encenada por um certo excesso de anima o e por uma recupera o voluntária de tradi es, que se constitui como parte da logística patrimonializadora dos CHs e que faz do patrim nio uma espécie de elixir das políticas urbanas” (Peixoto, 2006: 64).

5. Bibliografia:

ALLETRU, Nelly. **La sauvegarde du Vieux Tours sans Secteur sauvegardé: création et mise en oeuvre d'un Périmètre de restauration immobilière de 1961 à 1973**. Tours/France: Université François Rabelais [Master 2 d'Histoire des Arts], 2007. Fonte: Bibliothèque Société Archéologique de Touraine. C d.: MM 62 1-2.

BERENSTEIN, Paola. Pref cio. In.: JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

BOILLE, Pierre. *La restauration du quartier Nord-Ouest de Tours*. *Bulletin Trimestriel de la Société Archéologique de Touraine*. Tome XXXIV. Tours: Société Archéologique de Touraine, 1964. Fonte: Archives D partementales d'Indre et Loire: Fonds Pierre Boille. Cód.: 30J.

CANCLINI, Nestor García. “Imaginários culturais da cidade: conhecimento/ espetáculo/ desconhecimento”. In.: Coelho, Teixeira (Org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras/ Itaú Cultural, 2008.

CHALINE, Claude. *Les nouvelles politiques urbaines: une géographie des villes*. Paris: Ellipses  dition Marketing, 2007.

EVANGELISTA, Sandra M. F. Simões. **Sustentabilidade em Centros Históricos: a Baixa Pombalina**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa [Mestrado], 2008. Disponível:

<https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/395137885639/Disserta%C3%A7%C3%A>

[3o.pdf](#).

FLORES, Joaquim. “Planos de salvaguarda e reabilitação de ‘centros históricos’ em Portugal”. VII Encontro Nacional dos Municípios com Centro Histórico: Centro Históricos e Planos Municipais de Ordenamento do Território. *Academia.edu*, 2003.

<http://www.academia.edu/799997/Planos_de_Salvaguarda_e_Reabilitacao_de_Centros_Historicos_em_Portugal>.

LA LUTTE contre le taudis et la rénovation de l’habitat défectueux. s.l. Ministère de la Reconstruction et du Logement/ Imprimerie Nationale, s.d., p. 29. (Grifos conforme original). Fonte: Archives Municipales de Tours. Código: 168W1 – T50 – Curetage.

LA RESTAURATION et La Renovation: II. - Le Vieux Tours ne devrait pas devenir un quartier uniquement résidentiel”. *La Nouvelle République* (?). Tours, (Juil 1973): 2. Fonte: Arquivos do Jornal La Nouvelle République.

LEITE, Rogério Proença de Sousa. “Espaço público e política dos lugares: usos do património cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo.” Doutor Universidade de Campinas, 2001.

_____ **Contra-usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea.** Campinas: Edunicamp, 2004.

“Place Plum': les riverains s'invitent dans le débat” *La Nouvelle République*, (Mars 2012): s.p. Fonte: Arquivo da Association des Habitants Plumereau-Halles-Resistance-Victoire.

Peixoto, Paulo. “O passado ainda não começou: Funções e estatuto dos centros históricos no contexto urbano português.” Doutor, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2006.

PEIXOTO, Paulo. “Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades.” *Colóquio a Cidade entre Projectos e Políticas*, 2003.

<<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8511.pdf>>.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti. *Sociabilidade, espaço público e cultura: usos contemporâneos do património na cidade de João Pessoa*. Recife: UFPE, 2003.

“Toutes les boîtes de nuit vont fermer à 7 heures du matin”. *20 Minutes Fr.* (Décembre 2009): s.p., <http://www.20minutes.fr/france/372932-toutes-boites-nuit-vont-fermer-a-7-heures-matin>.

Ville de Tours: Restauration du quartier Nord-Ouest: étude générale de restructuration. Tours: Restauration de la Ville de Tours – *SEMIREVIT*, 1964. Fonte: Archives Départementales d'Indre et Loire: Fonds Pierre Boille. Cód.: 30J.